

Letterings

Desde os anos 80

Rick Werneck

Fotografa

Ilustra

E faz músicas inspiradas no mar

Em 2015 Rick deu voz ao seu Alter Ego BIW

Para criar sua autobiwgrafia

E reinterpretar sua obra e sua vida

“a onda é um caminho sem volta”

biw

Diálogo

O que tá fazendo aí?

- eu fotografo
- eu mostro
- eu lembro
- eu fabulo
- eu vivo
- eu enceno
- eu sou o ego
- eu sou o alter ego

Créditos iniciais

Off Biw -

Se alguém procurar alguma coisa de concreto na minha vida, vai achar muita água e muito vento.

O curioso é que a memória não é feita dos fatos que a gente viveu no passado... mas das lembranças que a gente revela no presente.

A memória é o lugar onde fabulação e sonho misturam o que a gente foi no passado com o que a gente gostaria de ter sido.

Biw on – Agora... quem sabe muito bem dessa história é o Biw

Off narrador – Muito antes de Biw ser criado

Rick Werneck já estava em plena atividade nas praias.

Rick é carioca da Barra e nunca foi muito de trabalhar em salas com ar condicionado.

Apaixonado por ondas ele roda o mundo tentando extrair o mel do mar com suas câmeras e seu olhar.

Desde que começou com suas primeiras câmeras analógicas até os dias de hoje usando caixas aquáticas de fabricação própria Rick tem obsessão por janelas marinhas.

Suas sobrelhas salgadas já lhe renderam mais de quarenta capas de revistas.

Nessa história eu desejo estimular o diálogo

entre o acervo visual criado por Rick Werneck no passado

E as arbitrariedades visuais inventadas por seu alter ego Biw no presente.

Biw é sereno e cheio de imaginação. Ama recriar memórias. Gosta de assoviar, de batucar e de tomar chá de beterrabas. Curte especialmente, reciclar as fotos de Rick em novas superfícies e texturas.

Letterings com off narrador

Biw é sujeito e personagem

Biw é essência e montagem

Biw é visionário e é cego

Biw é somente um alter ego!

Letterings com off Biw

No cartório

Eu sou Ricardo Werneck

Muitos me conhecem por Rick

A mistura do que eu sonho, fotografo,

Desenho, canto e assovio

É biw

Letterings

Usar crista da onda

Como véu

E do mar abissal

Extrair o mel

Das faíscas de sal

Fazer fogos de artifício

Destino de Biw

Desde o início

Off Biw

O mar me chama
Levanto da cama
Sonho vira realidade, diversão
Seguindo o instinto
Saio faminto
Emoldurando luz da vida, emoção
Um quinhentos avos de segundo
Momento congelado
Revelado para o mundo
Meu coração é azul
E os olhos de cristal
Retrato harmonia
Em água e sal

Biw on

A primeira vez que vi o mar?..
Cara... Mil novecentos e...

Biw off

DEPOIMENTO JANET PALMER (legendado)

Eu conheci o Biw quando ele chegou na minha escola, em Londres, Uma escola para crianças de 11 a 18 anos. Ele chegou com sua irmã, que se tornou minha melhor amiga, e um irmão mais novo. Ele foi o primeiro garoto brasileiro que eu conheci. O único brasileiro que eu conhecia, antes de conhecer o Biw, era o Pelé... e ele não parecia nem um pouco com o Pelé. Eu não tinha noção da diversidade deste país na época. Essa mistura fascinante de pessoas. Foi ótimo falar com o Biw e conhecer muito mais sobre o seu país... e fazer perguntas estúpidas e... quando você faz perguntas estúpidas, ele te faz perceber que são estúpidas. Ele era tão diferente, o sotaque era diferente, suas roupas eram realmente diferentes. Foi uma experiência completamente diferente e... eu acho que todos ficaram muito curiosos em relação a ele. Ele era sempre bem alternativo. Ele era bastante desafiador. Ele não se conformava com as regras. Ele era um jovem fascinante e frustrante. E, definitivamente, fazia o que queria... sempre. Dava para ouvir as vozes divergentes da mãe... e da irmã... porque ele estava fazendo o que queria, independente da opinião dos outros.

Diálogo Telefone (Biw e Biwzinho)

- Alô
- Oi... você se lembra do primeiro beijo?
- Não trabalhamos com nostalgia!

Off Biw

De um modo geral Londres me marcou muito por causa disso, que foi a fase que eu ganhei a independência assim... que eu comecei a virar gente mesmo. E a Inglaterra já no final dos três anos, em 1974, a gente foi passar o nosso último verão na praia de Newquay, uma praia no Sudoeste da Inglaterra. E foi lá que eu vi o surfe assim... que eu me encantei e que eu surfei a primeira vez na minha vida.

E aí a partir daquele primeiro contato eu fui envolvido de tal forma pela vida marinha, suas cores, suas formas, seus personagens... que eu ouvi um chamado: era ali o meu lugar no mundo.

Mas tinha um problema...eu não sabia pescar e nem tinha habilidade pra ganhar a vida competindo em cima de uma prancha.

Eu precisava aprender a seduzir todo mundo. Eu precisava aprender a inventar.

Os primeiros que eu tive que enrolar foram meus pais. Como todo pai e mãe de classe média que se preze meus pais queriam me ver formado em engenharia.

Queriam que eu tivesse uma carreira sólida e estável.

Depoimentos

(Regina Werneck – mãe)

Eu acho que as pessoas querem ser felizes. Mas esquecendo que um dia eles vão ser velhos. E que vão ser dependentes. E que vão colher frutos que semearam. Não sei... isso aí é uma preocupação que existe a vida toda. Pros pais é.

Off Rick Werneck

E quando eles perceberam esse meu envolvimento com a praia, com o mar e com todo o estilo de vida que cerca... eles ficaram preocupados. Na época era senso comum, que... se você vive na praia você é um vagabundo.

Depoimento (Ernesto Baldan)

Nos anos setenta o surfe era mais marginal, e uma coisa de cultura, de comportamento, de lazer, sofreu todo tipo de preconceito e pressão por causa disso... entra nos anos oitenta...

Depoimento (Tico Cavalcanti)

E aí?? O que é que vocês vão ser? Como é que vocês vão se sustentar? Então foi uma geração inteira que teve que passar por isso. Meu Deus do Céu... como é que eu faço, como é que eu me insiro nesse universo maravilhoso que é o universo do surfe?

Depoimento (Rafael Fortes)

Quando a gente fala assim, “surfe profissional”, o que é que é isso, né? Não é só o atleta poder viver do esporte, tendo patrocínio constante e mais a grana que o cara ganha com premiação de campeonato. Mas é se criar um campo em torno desse esporte que vai permitir que uma porção de gente possa viver daquilo ali. Na maioria jovens, que vão sair da adolescência e entrar na vida adulta e que vão querer encontrar algum tipo de caminho profissional que permita continuar perto da praia, continuar pegando onda... muitos desses jovens são jovens de classe média, de classe média alta, no Brasil significa que as famílias tinham expectativa que esses jovens fossem pra universidade. Muitos desses jovens vão decidir não ir pra universidade pra tentar buscar outras saídas profissionais.

Depoimento Ernesto Baldan

Fotógrafo de surfe, vou fazer assim um paralelo com goleiro no futebol. O cara que é ruim... bota no gol. O cara que pega onda mal vai lá tirar fotos de surfe. Então eu acho que o começo é isso. E através da fotografia você consegue se inserir dentro daquela tribo, ter uma importância dentro daquela tribo, então você tem o seu lugar ali.

OFF BIW (PEGAR TEXTO)

Eu podia seduzir muita gente mas no íntimo eu sabia que pra me convencer que o mar era o meu lugar, mesmo eu não sendo pescador e não tendo talento pra ser um grande surfista, eu sabia que tinha que ir fundo na fotografia. Não era só buscar um olhar diferente nas fotos mas era principalmente procurar uma espécie de alinhamento com a onda que fosse meu e de mais ninguém. Nessa procura pelo ângulo original eu tomei caldos incontáveis.

LETTERING – A GRANDE INTERROGAÇÃO

Em Abril de 81 quando eu tava aprendendo a fotografar surfe, fui acampar lá na praia vermelha do Norte em Ubatuba, com uns amigos, e um deles tinha levado uma dessas Minoltinhas. Aí eu peguei essa maquininha, entrei no mar e comecei a fotografar.

Só que nos anos 80 essa brincadeira era cara e cheia de limitações.

A fotografia era feita em rolinhos de filmes com no máximo 36 fotos.

Naquela época, além de comprar o filme você tinha que pagar pela revelação pra

poder ver a imagem que você tinha clicado.

Até eu começar a publicar fotos em revistas de surfe e receber algum dinheiro em troca foi um longo processo e eu tive que me virar com os desenhos que eu sabia fazer.

Pintei pranchas, fiz logomarcas e até fiz um negocio caseiro onde eu desenhava camisas com meu irmão. O tema era sempre o mesmo. O mar!

DEPOIMENTO (Rafael Fortes)

Mil novecentos e oitenta e cinco, Mil novecentos e oitenta e seis... tem revista no Rio de Janeiro, tem revista em São Paulo, tem revista em Florianópolis, todas elas com circulação nacional... esses veículos de comunicação por exemplo vão demandar uma produção de textos, de imagens, de desenhos e ilustrações... é difícil ter uma dimensão do quanto essas revistas assim, esse objeto físico impresso, que as pessoas compravam numa banca ou que chegava em casa se fosse assinante, da importância que isso tinha na vida dos leitores. Tem gente que fazia os pais pegarem o carro no fim de semana pra dirigir 20, 30, 40 quilômetros até uma cidade maior pra tentar comprar uma revista de surfe em banca de jornal. A revista de surfe colorida era um objeto bonito pra cacete! Foi algo fundamental pra uma porção de gente no Brasil inteiro se encantar com o esporte, se encantar com o mar, se encantar com uma série de valores, e com uma ideia, com um mundo que tá sendo retratado e tá sendo vendido ali na revista.

Off Narrador

A gente gostava de ver revistas brasileiras mas a gente sonhava mesmo era com o azul das ondas havaianas estampadas nas páginas das revistas gringas. O curioso é que nos dias certos e mágicos as ondas do litoral carioca também podiam ser azuis, cristalinas e tubulares. Especialmente pelo olhar privilegiado de alguns surfistas. E também pelas lentes de um certo fotógrafo que resolveu ir em busca dessa tonalidade.

Depoimento (Pedro Falcão)

Eu fui editor da Fluir no começo dos anos 90, nessa época ele levou um material lá em São Paulo que era uma outra forma de olhar o surfe do Rio, as ondas do Rio, porque não era aquela foto como se fosse jornalística, era uma foto, era meio até artístico. Você via, olhava e falava em que lugar do Rio são essas fotos? Porque primeiro eram swéis assim que deram perfeito e segundo que a foto não era uma fotografia normal... fora a cor ela tinha um enquadramento assim... era realmente um quadro e parecia que era um lugar realmente diferente do que a gente tinha de

acesso normalmente.

Depoimento Ernesto Baldan

Na cultura do surfe, o que é interessante é que sempre teve um lado criativo. Quando o Rick faz essas coisas, é isso, ele tá puxando esse lado dele, um lado criativo, um lado menos óbvio, entendeu, uma coisa que surpreende, uma coisa que tem uma certa emoção ali, que passa uma emoção... não passa só uma informação.

Depoimento Rafael Fortes

Boa parte das pessoas comprava revista de surfe não necessariamente pra ler as revistas. A maioria das pessoas comprava as revistas pra ver as fotos.

Depoimento Pedro Falcão

Na verdade você transformava a página de revista né, na decoração do seu quarto, do seu caderno, do seu armário... fazia poster disso pra botar na parede do quarto, eram suas fontes de inspiração, na verdade.

Depoimento Pedro Tojal

Eu estava ficando num apartamento em Copacabana, de um amigo meu, no apartamento a pintura tava meio detonada e esse meu amigo colou várias fotos de surfe que ele pegava em revista nos buracos. Eu e ele começamos a colar várias fotos na parede, que a gente achava legal. Eu falei cara, vou olhar de quem são essas fotos aqui, na época eu coleí porque eu achava bonito, e aí eu vi que a maioria daquelas fotos eram fotos do Rick Werneck. Depois eu percebi, cara eu só coleí fotos aquáticas. Só tinham fotos aquáticas naquele apartamento. Aí eu falei cara, é disso que eu gosto. É isso que eu tenho que fazer

Off Biw

O sal virou meu foco e eu me joguei nesse universo de corpo e alma. E a partir daquele momento eu passei a pintar, desenhar e fotografar cada vez mais. Fazer fotos dentro d'água fazer fotos foi algo instintivo pra mim. Era um ângulo diferente. Um ângulo que as pessoas não estavam acostumadas.

E passou a ser uma obsessão pra mim quase, essa vontade de tá no mar, de tá envolto pelo mar, registrando seus humores. As pessoas tinham uma visão do surfe, da areia... isso qualquer pessoa tinha mas eu queria buscar aquela visão mais íntima perto mesmo da onda e perto do surfista.

Depoimento (Pedro Tojal)

Ele tem uma lente olho de peixe né, ele foi um dos primeiros a fotografar no Brasil com essa lente, com uma lente grande angular, então ele conseguia tá muito próximo da ação. Então ele pra mim, entre todos os fotógrafos do Brasil é a maior referência como fotógrafo aquático, foi o cara que trouxe uma perspectiva única que ninguém tava tendo do surfe. Ele conseguiu e lá dentro dágua e mostrar pro leitor da revista, o que o surfista tava vivendo, o que o surfista tava vendo.

Off Biw

Dentro dágua eu fazia fotos e fora do mar eu desenhava e pintava pranchas. Foi nesse período e nesse contexto que eu me juntei a outros amigos da praia pra fundar uma marca de surfwear que teve muita repercussão e visibilidade no Rio e no resto do Brasil. A Cristal Graffiti, que foi uma marca que extrapolou a beira da praia pra invadir o subúrbio e se encontrar no Maraca . A marca foi bem sucedida, me deu sustento e acabou me trazendo uma certeza: Eu não quero me empanturrar de dinheiro sufocado por uma gravata num escritório com ar condicionado jorrando ácaro. Eu só preciso ganhar o suficiente pra sentir esse pulsar que o mar me dá. Sem limite.

Depoimento (Pezar Cedro – Biwógrafo)

Ele faz parte de uma geração utópica que acreditava ser possível viver com maresia e com pouca grana sem fazer parte do sistema ou sem emprego tradicional.

Depoimento (Ernesto Baldan)

Eu acho que o Rick faz isso, ele transita nesse jeito surfistão no que tá acontecendo hoje, um momento de surfe esporte competição que se transformou nessa coisa, mais um esportezinho bobo qualquer. E o Rick consegue conviver com isso continuando ter aquele jeito de surfista, que de repente pode até virar motivo de chacota, falar assim, ahhh, o hippie lá maluco, entendeu? Por que? Chacota porque o cara não tá engajado dentro do que se espera do nosso comportamento dentro da sociedade, é o cara marginal, então vai sofrer preconceito, incomoda.

Off Biw

Eu não sabi de nada do futuro mas eu acreditava muito. Eu quase conseguia ver o sonho, entendeu? E tava cercado de amigos da mesma idade que compartilhavam esse mesmo sonho.

Depoimento Tico Cavalcanti

Cada um deu seu jeito né? Eu acho que o jeito dos fotógrafos, me parece que tenha sido o mais heróico. Porque eu não via naquela época uma remuneração que você pudesse chegar em casa e falar: olha, eu tô trabalhando ali, tô me virando, tô tirando umas fotos dentro d'água, e tô com... tô pagando as contas...

Biw canta com violão

Fazer fotos, impressões
Superando, frustrações
Emplacando publicações

Volta depoimento de Tico Cavalcanti

Isso é que era meio difícil entender, e aí explicar ao teu pai que não, que você não precisava fazer uma universidade de engenharia, que era a universidade que o profissional poderia depois fazer tudo na vida, ou mesmo de advocacia... e começar a fotografar o mar e suas belezas, e atividade cultural de uma nova geração. Aquilo ali dava, não dava? Ia dar? Como é que era? Era um ponto de interrogação do tamanho de um bonde!

Off Rick

Quantas e quantas vezes eu já paguei minhas contas com fotos. Já comprei terreno com foto, já levei minha família pra passear com foto, literalmente... me dá a passagem aqui, toma foto ali.

Off Biw

Débito ou crédito?

Esses dias eu tive um sonho muito interessante...

Eu era uma espécie de Romero Brito da fotografia.

Eu imprimia compulsivamente minhas fotos em toda e qualquer superfície

Todos os meus problemas tinham acabado

Eu pagava as contas tranquilamente e meu telefone não parava de tocar com pedidos e encomendas

E Eu só precisava conviver com uma única dúvida:

Débito ou Crédito?

Off - Voz interrompe o sonho do Biw

- Rick, leva o cachorro pra passear!!

Off Biw

Eu enfrentei uma rotina como empresário de surfe durante mais ou menos uns 5 anos na Cristal Graffiti. Aí eu tirei férias com um dos meus sócios, né e a gente resolveu viajar pra Bali e depois pra Austrália. E eu gostei tanto da Austrália que eu me desfiz da minha parte na Cristal Graffiti e ir morar naquele país. A Austrália me parecia um lugar perfeito: uma ilha continente rodeada por boas ondas onde oitenta e cinco por cento da população vive a 50 quilômetros da praia e com uma oportunidade pra eu fazer o que eu amava na vida. A língua não foi problema. O inglês aprendido em Londres na infância ainda tava comigo. Era só uma questão de adaptar o sotaque mesmo.

BIW ON – Rápido diálogo em gírias do inglês australiano e inglês britânico legendado.

Foi mesmo? Eu juro cara!

Off Biw

Eu tava solteiro, desapegado e não precisava de muita coisa. Eu podia muito bem usar o meu conhecimento gráfico e minhas fotos para me virar ali naquele país. E foi o que eu fiz: O que mais eu podia querer?

Na real eu comecei a sentir saudade de uma amiga brasileira muito especial com quem já tinha rolado um romance. Aí eu comprei uma passagem pra ela conhecer a Austrália e ela nunca usou o trecho da volta. Seis meses depois nós fomos tirar férias em Bali e depois de uma tarde no inside corner de Uluatu, Laila e eu nos casamos numa cerimônia tradicional balinesa aos pés do vulcão AGUNG. Num dia memorável.

Off Biw

Para sobreviver todo santo dia Mahesh dirigia seu tuc tuc e levava turistas ao paraíso da água prometida

enquanto seu elefante Teobaldo aguardava pacientemente comendo folhas no quintal

No alto da montanha Mahesh tinha um sobrinho que era monge mas só gostava de pedir conselhos ao tio avô, que já era consagrado

Graças a promessa de sua mãe,

Uma vez por ano Mahesh juntava toda a família para agradecer pela cura de um câncer

Mahesh me contou orgulhoso que sua filha também fez uma promessa: ela faria selfies todos os dias até completar 50 anos

Ou não...

LETTERINGS – A MESA DE LUZ

Off Biw

Aquele momento de tensão quase mágico entre você realizar a fotografia e você descobrir realmente o que você tinha feito. Entre o clic e a visualização da imagem foi a coisa que mais mudou na fotografia.

Off Rick

Ah... o Xandinho... eu conheci em 1986 no Havaí. E na casa onde eu fiquei tinham vários brasileiros hospedados, entre eles o Xandinho. E o Xandinho tinha ido lá pra participar do campeonato mundial em Pipeline. Eu tava lá com meu equipamento e fotografei esse campeonato. E foi o campeonato que o Xandinho se deu bem. Tirou oitavo. Na época oitavo era uma grande conquista pro brasileiro. Quando a gente voltou ao Brasil ele me procurou, me disse que tinha uma revista interessada em publicar as fotos, eu acabei vendendo as fotos pra revista, foi a minha primeira capa de revista. Na época a capa era o sonho maior do fotógrafo, uma capa do Xandinho, e na negociação, além do dinheiro, eu pedi uma outra viagem e eu acabei indo pro Perú poucos meses depois, com o Xandinho também e mais uns amigos. E à partir daí a gente ficou muito amigo, muito amigo mesmo, viajamos várias vezes juntos. Foi uma convivência muito intensa assim porque ele é um cara assim muito conquistador, né. Então foi um cara assim que me ensinou muito, me ensinou muito, foi muito muito muito companheiro meu. Não só em viagens mas como também no Rio de Janeiro. E aí ele com aquela coragem dele né, aquela fissura de tá sempre no mar, ele foi me levando a tá cada vez mais perto da cena. Ele exigia que eu tivesse ali colado nele pra pegar os melhores ângulos né, quantas vezes eu fui atropelado por ele.

Fomos lá pra França encontrar os maiores bodyboarders do mundo, Mike Stewart, Jay Bill, enfim, os franceses, gente do mundo inteiro. E ele lançou um pé de pato. Tem várias fotos dele conversando com Mike Stewart e mostrando. Voltamos da França e já estávamos em Portugal, no dia de a gente ir embora, tava chovendo, no meio da curva o carro desgarrou, ú, ú áá, pêi!!!... Esse acidente foi o mais perto da loucura... a gente ficou preso no carro uma hora, e... infelizmente, nesse meio tempo assim, ele faleceu. A gente ficou preso né, no carro, como eu disse. E eu logo percebi que ele não tava bem, ele tava desacordado, o olho meio assim, a cabeça balançando, e a certa altura ele... e aí foi o momento mesmo que a realidade bateu cara.

Poucos dias antes, num jantar em Biarritz, eu, ele e Chico, ele tinha comentado: o dia que eu morrer eu quero ser cremado... a gente reuniu os amigos e lançamos o corpo dele ao mar, num dia de ondas grandes bem do jeito que ele gostava, aquelas ondas grandes do Leblon.

Eu sempre dizia que o dia que eu tivesse filho, ele seria o padrinho do meu filho. E acabou que meu filho se chama Xande, porque aí as pessoas quando perguntam,

porra porque ele se chama Xande? Me dá a chance de eu falar do Xandinho como se ele tivesse viajando comigo até hoje. Muitas vezes eu vejo meus filhos assim fazendo uma coisa diferente e eu me pego pensando, porra meu irmão, cadê você que não tá aqui pra ver isso aqui? Como é que você vai embora assim e me deixa aqui envelhecendo sozinho? Cadê tua barba branca? Cadê? Porra, não virou Cinquentão, que nem eu... como é que ele não tá aqui pra ver meus filhos? Como cara? Como? As vezes eu penso mesmo: ô filha da puta! Como é que tu não tá aqui meu irmão?

OFF BIW

Eu nas minhas andanças aí pelos mares do mundo, uma parte do meu corpo que é muito sacrificada é o olho, porque eu vivo no mar, o sal... e eu tenho que tá sempre com o olho aberto pra saber o que é que eu vou capturar e onde eu não devo ficar pra ser pego pela onda, então muitas vezes meu olho sai sacrificado, sai vermelho, e uma vez teve uma senhora que viu meus olhos e me recomendou um chá. Um chá de beterraba. E eu tomei o chá de beterraba e rapidamente o meu olho ficou bom. Eu quis saber qual era o segredo por trás daquele chá de beterraba. E a senhorinha me explicou que ela adicionava gotas de água do mar. E aquilo melhorou muito o meu olhar.

Biw On cantando

E assim a história de Rick continua sendo fabulada por Biw. Isso é uma biwgrafia!

LETTERINGS – BARRO E CRISTAL

Off Biw

Na fase como franco atirador uma das viagens mais surpreendentes que fiz na vida foi em busca de ondas nas selvas brasileiras. Descobri uma cultura de surfe que jamais acreditei que pudesse existir longe do litoral.

BIW ON – Diálogo curto com o câmera

- Tira uma carta
- Quem? Eu?
- É você ! Tira uma carta! ... essa carta aí tem o Q de Quintal e essa onda foi fotografada lá

LETTERINGS

Tem um pomar
Em meu quintal
Onde cato
Azul cristal

Off – depoimento Pedro Falcão

Ele conseguia fazer uma entrada de série assim com as ondas entrando assim que você falava, pô aonde é que é isso no Rio? E era na porta de casa mas as pessoas não tinham essa perspectiva de fotografia, de ver aquilo ali registrado. Então você podia falar um pico “segreto” no Rio... e não é secreto... tava ali na porta de casa... mas ele conseguia fazer um Rio de Janeiro que parecia internacional. Ou que é internacional, né?

LETTERING – FLAT

BIW ON

Enfim vâmo lá... olha que lugar lindo! Consegue ouvir isso? O silêncio... pássaros... e lá longe o burburinho da cidade.

Biw On

Tá cem bpm? Esse agudinho pra mim aí é melhor! Esse aí, esse coquinho. Tira esse bumbo, deixa esse aí, deixa esse aí. Tum tec, tum tec. É...

Depoimento (Aurélio Kauffmann)

Tenho um estúdio em casa, trabalho com som, viajo com artistas. Produzo e escuto músicas. As vezes você trabalhar com um cara que não tem um estudo muito grande de música, de repente ele vai prum outro caminho diferente também que talvez seja interessante. Ou talvez tenha uma base de música que seja da cultura dele... O Rick você sempre vê que traz alguma coisa mais leve que tem a ver com natureza, tem a ver com mar, as vezes ele vem com uma idéia inusitada assim que eu nunca tinha pensado... e ele fala “vâmo fazer assim e assim” e eu falo vâmo, e a gente vai indo e quando vê daqui a pouco tá pronta!! Ele realiza. Porque o Rick é um cara assim, se ele não tá fazendo uma música, ele fazendo um desenho, ele tá fazendo um filme, ele tá... ele não pensa “quanto que eu vou ganhar com isso que eu tô fazendo”? Ele simplesmente pensa em produzir e tá fazendo, ele tem muito material sempre. Essa produção dele acaba virando negócio também, né? E ele é um inquieto que também... tranquilo. É um inquieto que na verdade tá sempre flat!

Biw On

Toda vez que eu toquei eu sempre fui o pior músico, isso é uma grande dica pra quem não é muito bom e quer tocar, eu recomendo.

Biw On

- Alô Rick! Tá me ouvindo?
- Tô. Quem é?
- É o Biw. Manda umas fotos aí pra mim

Off Narrador

A postura mais interessante da reciclagem que Biw faz com a obra de Rick é o seu descompromisso com acontecimentos jornalísticos. Sua possível ligação com um evento do mundo esportivo talvez seja o aspecto que mais limita a imaginação de quem olha pra essas imagens. O que importa na fotografia de Rick é seu potencial narrativo para criar lugares do “era uma vez” e para inventar universos ficcionais. BIW percebeu isso na virada do milênio e foi se descolando do fotojornalismo de surfe e se aproximando do lado mais abstrato da onda. A fase mais fértil e genuína de sua fotografia é justamente a que se concentra mais na plasticidade da onda do que no que o surfista faz com ela.

Off Biw

Eu só queria me dissolver nos muros marinhos pra depois renascer nas paredes da molecada que recortava e pregava fotos pra alimentar seus sonhos. Dias e noites.

Off Biw

Depois que Robertão encontrou o diamante cor de rosa nas montanhas cariocas dos anos 70, uma pergunta ficou no ar: quem acharia o cristal mais flexível da costa do Rio de Janeiro? Quem encontraria o vidro mole ?

As forças do antagonismo abundavam: a tecnologia de câmeras aquáticas era precária; as taxas de importação dos filmes não paravam de crescer e a revelação dos negativos era cada vez mais tosca e ordinária. Apesar das dificuldades, eu dediquei minha vida, ou o melhor pedaço dela, a essa procura. Eu fazia qualquer coisa pra ficar tete a tete com o jorro do cristal marinho.

LETTERING – NENHUM DELES

OFF BIW

Pra que eu pudesse dar conta do mar
O horizonte fez de mim dois seres
Rick, o primeiro, foi gerado por Mauro e Regina
Biw, o segundo, é fruto de memória salina
Rick fez foto pra revista

Formou família com Laila, Xande, Luke e Henrique
Biw construiu lembrança, bebeu chá de beterraba
e usou uma cartola bem xique

OFF BIW

Nós, ocidentais, fomos criados dentro de uma cultura de medo. Mesmo as pessoas bem sucedidas, ou até mais essas pessoas bem sucedidas, têm medo. O cara ganha dinheiro, tem medo de perder o dinheiro. O cara compra uma casa, tem medo de perder a casa, de ser assaltado; compra um carro, tem medo de ser roubado. Então o tempo todo a gente é educado a conquistar coisas e não perdê-las. E agente começa a ter muito medo. Tem filho tem medo de perder o filho, tem carro tem medo de perder o carro, tem uma boa vida tem medo de perder a boa vida... já perdi muitas coisas materiais e as nossas vivências são coisas que a gente só perde com a morte mesmo. Então você educar um filho pra que ele não cresça dentro dessa paranóia coletiva mas ao mesmo tempo não seja uma pessoa desgarrada de qualquer sentimento de posse assim, de abstenção total de qualquer bem material... é complicado. O que eu procuro passar pros meus filhos é que, assim, tudo é passageiro, tudo, tudo. Tudo é passageiro. Eu costumo citar o Doutor Roberto Chiniachiqui, que trata de pacientes terminais. É a pessoa que comunicava a esses pacientes que eles tinham poucos meses de vida. E o que ele descobriu é que a grande maioria, se não a totalidade dos pacientes dele, quando eram informados que tinham poucos meses de vida, reagiam sempre da mesma forma: “ Mas pôxa Doutor... trabalhei a vida inteira pra poder me divertir, pra poder curtir a vida, agora que eu tava prestes a curtir a vida, o senhor me diz que eu tenho poucos meses de vida? Eu devia ter vivido mais, devia ter dado mais atenção a minha família, devia ter viajado mais” ... essas eram as respostas das pessoas. Nenhum deles falava “eu devia ter comprado mais um carro; mais um apartamento; devia ter comprado mais uma empresa” nenhum deles.

Eu vi o meu melhor amigo virar o olhinho, dar o último suspiro e ir embora... E a gente tava no último dia de uma viagem a poucas horas de pegar um avião. E daí tudo mudou. Não sei se o futuro vai levar 30 anos ou se vai levar 30 minutos. Posso tá saindo daqui e meu futuro acabar. Eu sei do hoje.

Depoimento off (Ernesto Baldan)

Ele fala aí no filme que ele foi atraído pelo mar e quis viver perto de uma cultura. E até hoje ele consegue se adaptar ao que tá acontecendo mantendo aquela ideia do surfe cultura. E acho que é meio inconsciente. Ele vai mantendo o espírito de surfista, o jeito de surfista nesse mundo de atleta pegador de onda, entendeu, então assim... é o cara que não se enquadra. É o cara que busca outros caminhos... o seu próprio caminho.

Depoimento off (Janet Palmer) LEGENDAS

Depois de reencontrar uma pessoa que teve um impacto tão grande na minha vida...

... na vida de uma jovem garota. É fantástico. É fascinante encontrá-lo de novo. Mas o mais emocionante foi ver que ele permaneceu fiel a si mesmo.

Aquele garoto... ele não mudou! E ele não virou um “engravatado”, fazendo algo que odeia, só pelo dinheiro. Ele conseguiu ter uma vida incrível, fazendo o que ele ama... fazendo algo pelo qual ele é apaixonado. E isto é o mais fascinante para mim, que ele permaneceu absolutamente... um sujeito de vanguarda que queria viver sua vida de um modo diferente. E ele conseguiu. E não deve ter sido fácil. Eu acho que deve ter sido um desafio... ir contra o que todos esperam que uma boa vida deva aparentar. E ele conseguiu construir uma vida fantástica, fazendo o que ele queria fazer. Eu admiro tanto isso e... eu só fico um pouco frustrada de não ter feito o mesmo. E eu fico tão feliz de saber que ele teve essa vida. Incrivelmente emocionada. É o melhor que eu poderia ter encontrado. Eu teria ficado muito desapontada se ele fosse um advogado.

Off Narrador

E Lá vai o Biw fabulando a vida de Rick. Ou é o contrário. E isso lá faz alguma diferença?

OFF BIW

um dia desses eu era um grão de areia na mão de meus pais
noutro dia o vento levou meu olho pra fora do porta retrato

Eu carregava bandeiras somente
pra chegar nos castelos que coubessem em minha cartola

Quando cheguei por aqui a gente reconhecia lá de longe quem tava na onda
depois vieram as charretes

Meu Deus... quando é que o vento das Maldivas e as melodias salgadas
vão levar essas contas que não param de passar debaixo da porta pra bem longe
daqui...?

um menino me ensinou que quando eu quisesse guardar alguma coisa bastava fazer
um clique

eu não tirei diploma de engenheiro
mas aprendi a projetar a Pedra da Gávea dentro de uma janela marinha... certinho
não fiz um rio de dinheiro fazendo fotografia mas fabriquei uma biwgrafia

CRÉDITOS FINAIS

